

**XV - FORA DA
CARIDADE
NÃO HÁ
SALVAÇÃO**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO CAPÍTULO XV - FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

O de que precisa o Espírito para ser salvo. Parábola do bom samaritano.

1. Ora, quando o filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á no trono de sua glória; - reunidas diante dele todas as nações, separará uns dos outros, como o pastor separa dos bodes as ovelhas, - e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.

Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo; - porquanto, tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; careci de teto e me hospedastes; - estive nu e me vestistes; achei-me doente e me visitastes; estive preso e me fostes ver.

Então, responder-lhe-ão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? - Quando foi que te vimos sem teto e te hospedamos; ou despido e te vestimos? - E quando foi que te soubemos doente ou preso e fomos visitar-te? - O Rei lhes responderá: Em verdade vos digo, todas as vezes que isso fizestes a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes.

Dirá em seguida aos que estiverem à sua esquerda: Afastai-vos de mim, malditos; ide para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e seus anjos; - porquanto, tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber; precisei de teto e não me agasalhastes; estive sem roupa e não me vestistes; estive doente e no cárcere e não me visitastes.

Também eles replicarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e não te demos de comer, com sede e não te demos de beber, sem teto ou sem roupa, doente ou preso e não te assistimos? - Ele então lhes responderá: Em verdade vos digo: todas as vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequenos, deixastes de tê-la para comigo mesmo.

E esses irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna. (S. MATEUS, cap. XXV, vv. 31 a 46.)

2. Então, levantando-se, disse-lhe um doutor da lei, para o tentar: Mestre, que preciso fazer para possuir a vida eterna? - Respondeu-lhe Jesus: Que é o que está escrito na lei? Que é o que lês nela? - Ele respondeu: Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de todo o teu espírito, e a teu próximo como a ti mesmo. - Disse-lhe Jesus: Respondeste muito bem; faze isso e viverás.

Mas, o homem, querendo parecer que era um justo, diz a Jesus: Quem é o meu próximo? - Jesus, tomando a palavra, lhe diz:

Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu em poder de ladrões, que o despojaram, cobriram de ferimentos e se foram, deixando-o semi-morto. - Aconteceu em seguida que um sacerdote, descendo pelo mesmo caminho, o viu e passou adiante. - Um levita, que também veio àquele lugar, tendo-o observado, passou igualmente adiante. - Mas, um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão. - Aproximou-se dele, deitou-lhe óleo e vinho nas feridas e as pensou; depois, pondo-o no seu cavalo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. - No dia seguinte tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: Trata muito bem deste homem e tudo o que dispenderes a mais, eu te pagarei quando regressar.

Qual desses três te parece ter sido o próximo daquele que caíra em poder dos ladrões? - O doutor respondeu: Aquele que usou de misericórdia para com ele. - Então, vai, diz Jesus, e faze o mesmo. (S. LUCAS, cap. X, vv. 25 a 37.)

3. Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, ele aponta essas duas virtudes como sendo as que conduzem à eterna felicidade: Bem-aventurados, disse, os pobres de espírito, isto é, os humildes, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os que têm puro o coração; bem-aventurados os que são brandos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amai o vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o que quereríeis vos fizessem; amai os vossos inimigos; perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados; praticai o bem sem ostentação; julgai-vos a vós mesmos, antes de julgardes os outros. Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar e o de que dá, ele próprio, o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater. E não se limita a recomendar a caridade; põe-na claramente e em termos explícitos como condição absoluta da felicidade futura.

No quadro que traçou do juízo final, deve-se, como em muitas outras coisas, separar o que é apenas figura, alegoria. A homens como os a quem falava, ainda incapazes de compreender as questões puramente espirituais, tinha ele de apresentar imagens materiais chocantes e próprias a impressionar. Para melhor apreenderem o que dizia, tinha mesmo de não se afastar muito das idéias correntes, quanto à forma, reservando sempre ao porvir a verdadeira interpretação de suas palavras e dos pontos sobre os quais não podia explicar-se claramente. Mas, ao lado da parte acessória ou figurada do quadro, há uma idéia dominante: a da felicidade reservada ao justo e da infelicidade que espera o mau.

Naquele julgamento supremo, quais os considerandos da sentença? Sobre que se baseia o libelo? Pergunta, porventura, o juiz se o inquirido preencheu tal ou qual formalidade, se observou mais ou menos tal ou qual prática exterior? Não; inquire tão-somente de uma coisa: se a caridade foi praticada, e se pronuncia assim: Passai à direita, vós que assististes os vossos irmãos; passai à esquerda, vós que fostes duros

para com eles. Informa-se, por acaso, da ortodoxia da fé? Faz qualquer distinção entre o que crê de um modo e o que crê de outro? Não, pois Jesus coloca o samaritano, considerado herético, mas que pratica o amor do próximo, acima do ortodoxo que falta com a caridade. Não considera, portanto, a caridade apenas como uma das condições para a salvação, mas como a condição única. Se outras houvesse a serem preenchidas, ele as teria declinado. Desde que coloca a caridade em primeiro lugar, é que ela implicitamente abrange todas as outras: a humildade, a brandura, a benevolência, a indulgência, a justiça, etc., e porque é a negação absoluta do orgulho e do egoísmo.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XXV, vv. 31-46

Depuração pela separação do joio e do trigo, apresentada sob a figura emblemática de um juízo final

V. 31. Quando o filho do homem vier na sua majestade acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono da sua glória. - 32. E, reunidas todas as gentes na sua presença, separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas. - 33. Porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. - 34. Dirá então o rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu pai, entrai na posse do reino que vos está preparado desde o principio do mundo; - 35, pois, tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era forasteiro e me recolhestes; - 36, estive nu e me vestistes, estive enfermo e me visitastes, estive encarcerado e me fostes ver. - 37. Dir-lhe-ão, então, os justos: Senhor, quando foi que te vimos faminto e te demos de comer; ou com sede e te demos de beber? - 38. Quando foi que te vimos sem teto e te recolhemos, ou nu e te vestimos? - 39. Quando foi que te vimos enfermo, ou preso, e te fomos visitar? - 40. O rei responderá : Em verdade vos digo que, todas as vezes que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequenos, a mim o fizestes. - 41. Aos que estiverem à sua esquerda dirá em seguida: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o diabo e seus anjos; - 42, pois, tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; - 43, era forasteiro e não me recolhestes; estive nu e não me vestistes; enfermo e preso e não me visitastes. - 44. Também esses perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos faminto, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou encarcerado e não te assistimos? - 45. Ele lhes responderá : Em verdade vos digo que, quantas vezes o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, tantas o deixastes de me fazer a mim. - 46. E irão estes para o suplicio eterno e os justos para a vida eterna.

N. 282. Estas palavras de Jesus serviram de base a todas as crenças e a todas as interpretações humanas. Apropriadas aos tempos e às inteligências, tinham elas que servir, atento o passado de todos os povos, para aquele momento e tinham que preparar o futuro. Tomadas ao pé da letra, foram mal compreendidas e falsamente interpretadas. Mas, tudo tem a sua razão de ser na marcha do progresso para a depuração e transformação assim dos mundos, como das humanidades.

Elas vos vão ser explicadas em espírito e verdade.

Pintando para os seus discípulos um quadro imponente do juízo final, quis Jesus deixar nas inteligências uma impressão inapagável.

A homens que habitualmente tremiam diante dos juízes e que mal eram contidos

pelas leis, se bem fossem estas de extrema dureza, preciso era que se apresentasse um quadro impressionante e material do "juízo" a que teriam de ser sujeitos e das conseqüências desse julgamento.

Dissemos acima: "A homens que habitualmente tremiam diante dos juizes." Em Israel, os grandes sacerdotes do templo eram os juizes, pois que de todos os delitos conheciam. As sentenças arbitrarias que proferiam eram frequentemente terriveis. Entretanto, não impunham o respeito à lei.

(Vv. 31 e 32.) Quando o filho do homem vier na sua majestade acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono de sua glória e, reunidas todas as gentes na sua presença, separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas.

Supuseram tratar-se do "fim" de tudo e reuniram os acontecimentos. Essas palavras são simbólicas. Jesus falava das épocas que se hão de suceder, até ao momento em que a luz suave e verdadeira virá iluminar o mundo.

O trono da glória de Jesus é a época em que todos os povos estarão sob o jugo da sua lei. Seu trono se achará então firmado no fundo dos corações de todas as criaturas e os anjos do Senhor o cercarão e descerão ao meio destas.

Não começou já esse período? O trono do Salvador não está sendo preparado para recebê-lo? Os anjos do Altíssimo não descem já até vós para vos ensinar a cantar a glória do Onipotente, preparando-vos, por meio da prática da justiça, da caridade e do amor, para o advento do espírito; abrindo-vos, pelo progresso moral, todas as fontes do progresso intelectual; ensinando-vos a ser brandos e dedicados aos vossos irmãos?

As gentes não se encontram todas reunidas sob as vistas do Salvador e não vedes que se há materializado uma palavra simbólica, como o são todas as dos Evangelhos?

Não se procede, desde a origem dos tempos, à separação? Desde o aparecimento do homem na Terra, os Espíritos que pelo seu progresso têm merecido habitar os meios mais elevados do vosso mundo, ou mundos superiores ao vosso, hão ascendido a esses meios ou a esses mundos. Do mesmo modo, os Espíritos culpados têm sido, de acordo com o grau de culpabilidade e com as necessidades do progresso que devem realizar, mandados, como castigo, como expiação, para os meios inferiores do vosso planeta, ou para planetas inferiores ao vosso. Até hoje foi consentido que o joio crescesse ao lado do trigo e o será até à época em que, havendo de efetuar-se a regeneração, se tenha operado progressiva e sucessivamente a depuração do planeta terreno. Nessa época, a separação estará completamente feita: aos Espíritos culpados, refratários ao progresso, não mais será permitido reencarnar na Terra. Só aos que se houverem tornado capazes, dignos de avançar pela estrada da regeneração, será isso permitido, sendo eles colocados nas condições que lhes forem necessárias. É a essa separação que Jesus aludia.

Ela estará inteiramente concluída quando o vosso planeta entrar nas fases da sua fluidificação.

Quanto à determinação da época dessa separação, que se interpretou falsamente como sendo um fato único, súbito e instantâneo, não passou de uma figura. Para a realização de semelhante obra, que é progressiva e sucessiva, não pode haver época predeterminada segundo a maneira humana de calcular. Essa época corresponde ao período que precederá a depuração completa da Terra.

Jesus voltará ao mundo, quando a Humanidade estiver prestes a atingir a perfeição moral e ela aclamará a sua vinda, entoando este cântico de júbilo, de alegria, imenso e unânime: Bendito o rei que vem em nome do Senhor.

(Vv. 33 e 34, 41 e 46.) Igualmente simbólicas são as palavras do Mestre, constantes destes versículos e apropriadas, pela letra, às inteligências, que convinha fossem por elas trocadas e impressionadas. Os Espíritos que se houverem regenerado na Terra, bem como os que, suficientemente purificados e adiantados, tenham vindo de outros mundos para, nas condições que lhes forem necessárias, habitar o vosso planeta regenerado, a fim de nele progredir e participar da sua marcha ascensional, esses é que estarão "à direita do rei", é que serão os "justos" chamados a "entrar na posse do reino que lhes foi preparado desde a constituição do mundo". Serão os benditos do pai, porque terão trabalhado ativamente pelo seu progresso pessoal e pelo progresso coletivo. Deus abençoa os que trabalham pelo seu próprio adiantamento e pelo de seus irmãos. A bênção desce sobre aqueles cujas obras a atraem.

O lugar reservado aos eleitos, isto é: aos merecedores, aos dignos, são as regiões elevadas onde todo Espírito, logo que atinja a maioria espiritual, entrará na posse da parte da herança que lhe está destinada desde a sua origem.

Os justos irão para a vida eterna. Caminharão pela via do progresso para a perfeição que lhes dará, na eternidade, a vida espírita, isentando-os de toda e qualquer encarnação, uma vez que se tenham tornado puros Espíritos.

Os que estiverem "à esquerda do rei", os "malditos", irão "para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos, para o suplício eterno". Os Espíritos culpados irão para lugares onde eternamente se sofre, seja no estado de erraticidade no espaço, seja no de encarnação. São de expiação esses lugares, mas também de provas e de progresso, e constantemente se renovam, por meio de depurações e transformações lentas e gradativas, como igualmente se renovam as categorias dos Espíritos que os habitam. São mundos inferiores, preparados para os Espíritos culposos, no sentido de servirem para habitação deles, que figuradamente se designam pelos nomes de "diabo" e de "anjos do diabo", conformemente ao grau de culpabilidade de cada um. Tais mundos constituem para esses Espíritos um "inferno" e, ao mesmo tempo, um "purgatório", como meio de expiação, de reparação e de progresso. Tal é o espírito. Velando-o pela letra, Jesus intencionalmente deu o ensino sob um aspecto material, tendo em vista que ele ia passar sucessivamente através de gerações bárbaras, que precisavam ser aterrorizadas para se deixarem domar.

Teve assim a sua razão de ser o dogma humano da eternidade das penas, como fruto do reinado da letra, necessário por certo tempo, até que a Humanidade se hou-

vesse adiantado bastante na senda do progresso moral e intelectual.

Não vos foi dito: A letra mata e o espírito vivifica? Palavras proféticas eram estas, destinadas a ser compreendidas e aplicadas nos tempos preditos em que o espírito viria esclarecer a letra e dar-lhe o verdadeiro sentido. Esses tempos chegaram. O Espírito da Verdade, por meio da nova revelação, vos vem ensinar a verdade, despojando da letra o espírito.

Sim, fictícias são as ameaças do fogo eterno, do suplício eterno, como expressão de uma condenação eterna proferida contra o Espírito culpado. Jamais estiveram no pensamento de Jesus.

Os banidos serão degredados para os lugares de trevas, serão rechaçados para os mundos de expiação, onde o princípio do mal reina soberanamente e onde se verão condenados a viver por séculos no meio da desgraça e das dores. Sim, é aí que se ouvem prantos e ranger de dentes; é aí que um fogo inextinguível requeima o Espírito, porquanto, deportado, pela sua perversidade, para essas desgraçadas terras, ele guardará a lembrança do que haja perdido e acreditará que o perdeu para sempre. Daí se originam as chamas que o devorarão, daí nascem os demônios que o torturarão com o seu contacto aviltante - as dores, que serão morais para a sensibilidade do Espírito, mas que também se tornarão, de certo modo, materiais pelos sofrimentos físicos inerentes a tais encarnações, sofrimentos que mais acerbos são para aquele que é punido pela sua reincidência, isto é: que se vê degredado, quando pudera ter progredido e gozar da paz do Senhor.

Mas, a mão paternal de Deus se estende sobre esses pobres exilados como sobre todos e com o correr dos séculos a paz acabará por entrar neles com o remorso do seu endurecimento e o desejo da reparação. Será isso efeito da onipotência do Senhor, expressa na lei imutável do progresso e da perfectibilidade por ele estabelecida desde toda a eternidade e que se executa sob os auspícios da sua justiça, da sua bondade e da sua misericórdia infinitas.

Dissemos há pouco, falando do Espírito banido: Ele guardará a lembrança do que haja perdido e acreditará que o perdeu para sempre. Isso, entendi-o, se dá no estado de erraticidade. O Espírito, livre dos entraves da carne, compreende a sua posição, vê suas faltas. Poderá iludir-se durante algum tempo, mas, passado o período de dilação, como nada de arbitrário, ou que pareça tal, pode o Espírito ver na execução dos desígnios divinos, todo o seu passado se desenrolará às suas vistas e, assim como lhe será dado julgar da justiça da condenação, também lhe será possível apreciar a justiça da recompensa concedida aos bons obreiros.

Compreendi igualmente que, mesmo na condição de encarnado, o Espírito banido experimenta um mal estar indefinível, mas que lhe causa sofrimento e dá uma impressão de superioridade com relação aos outros e, portanto, do aviltamento relativo da sua posição.

(Vv. 34 e 40.) Pelas palavras, que estes versículos registraram, Jesus se exime da divindade que as falsas interpretações humanas lhe atribuíam, declarando-se ir-

mão de todos os homens, dos mais pequeninos dentre estes, filhos todos, como ele, do pai onipotente; declarando-se Espírito criado como eles, saído do mesmo princípio, tendo tido a mesma origem. Por outro lado, dando a si próprio o título de "rei", indica, sob o véu que ficava reservado à revelação atual levantar, a sua posição espírita como protetor e governador do vosso planeta, encarregado do vosso progresso e de vos conduzir à perfeição.

(Vv. 35 a 40 e 41 a 45.) Estando prestes a deixar a Terra, que ele viera subtrair ao erro, às superstições, aos vícios, trazendo-lhe a luz, lançando as bases fundamentais da regeneração humana, traçando e abrindo as sendas do progresso, Jesus, depois de haver prevenido os homens da separação do joio e do trigo, dos bons e dos maus, lhes diz claramente em que se fundará a separação dos "cabritos" e das "ovelhas". Não será porque tenham professado ou deixado de professar tal ou tal crença, adotando tal ou tal doutrina, praticado tal ou tal culto exterior, mas por terem ou não praticado, no terreno material, no terreno moral e no terreno intelectual, o amor e a caridade com todos. Os que assim o tiverem feito são os que passarão "à sua direita", ficando "à sua esquerda" os que se houverem esquecido de assim proceder.

Jesus não se ocupou com os que, não contentes de não terem feito o bem, hajam praticado o mal. A situação desses, mais grave ainda, estava implicitamente compreendida no que já ele dissera dos outros; não precisava ser mencionada.

Portanto, o que ressalta nítida e formalmente de todos os ensinamentos do Mestre é que deveis procurar constantemente ser caridosos, tornar-vos, por todos os meios possíveis, úteis aos vossos irmãos. E cada um, qualquer que seja a sua pobreza material, o pode sempre, ao menos moralmente, no meio em que se ache colocado, pelo exemplo e pelos conselhos, cuja inspiração encontrará nas palavras do Salvador, se bem as compreender.

Ressalta ainda que - fora da caridade e do amor não há salvação, isto é: não há progresso, nem adiantamento; que só pela caridade e pelo amor podeis progredir e avançar; que, sejam quais forem as vossas crenças, as vossas doutrinas, os vossos cultos exteriores e as práticas materiais desses cultos, enquanto não praticardes a caridade e o amor, enquanto, pois, permanecerdes escravizados ao orgulho e ao egoísmo, assim como aos vícios e paixões que de um e outro decorrem, estareis e continuareis sujeitos à expiação em mundos inferiores, às encarnações expiatórias nesses mundos.

Vimos de dizer, aludindo à prática do amor e da caridade: "no terreno material, no terreno moral e no terreno intelectual". As palavras de Jesus, de acordo com o seu pensamento, se aplicam ao Espírito e ao corpo, como sendo, para o Espírito, no estado de encarnação, instrumento e meio de provas, de reparação e de progresso. Consequentemente, é do duplo ponto de vista das necessidades e socorros que afetam, assim o corpo como o Espírito, que deveis praticar o amor e a caridade com os vossos irmãos.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XXII, vv. 34-40. - MARCOS, Capítulo XII, vv. 28-34. -
LUCAS, Cap. X, vv. 25-28

Amor de Deus e do próximo

MATEUS: V. 34. Mas os fariseus, tendo sabido que ele fizera calar os saduceus, se reuniram em conselho; - 35, e um deles, que era doutor da lei, para o tentar fez esta pergunta: - 36. Mestre, qual é o grande mandamento da lei? - 37. Respondeu Jesus: Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. - 38. Este é o maior e o primeiro mandamento. - 39. E o segundo, semelhante ao primeiro, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. - 40. Toda a lei e os profetas se contêm nestes dois mandamentos.

MARCOS: V. 28. Então, um dos doutores da lei, que ouvira a discussão e vira quão bem Jesus respondera aos saduceus, se aproximou e lhe perguntou: Qual é o primeiro de todos os mandamentos? - 29. Respondeu Jesus: O primeiro de todos os mandamentos é este: Ouve, Israel: o Senhor teu Deus é o único Deus. - 30. E amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, de todas as tuas forças. Este o primeiro mandamento. - 31. O segundo, semelhante ao primeiro, é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes. - 32. Disse-lhe então o doutor da lei: Na verdade, Mestre, disseste bem que Deus é um só, que nenhum outro há além dele; - 33, e que o amá-lo de todo o coração, de todo o entendimento, de toda a alma e com todas as forças, e bem assim o amar o próximo como a si mesmo é coisa de maior valia do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios. - 34. Vendo Jesus que o escriba replicara sabiamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E desde então ninguém mais se atreveu a lhe fazer perguntas.

LUCAS : V. 25. Então, levantando-se, perguntou-lhe um doutor da lei, para o tentar: Mestre, que hei de fazer para ter a vida eterna? - 26. Respondeu-lhe Jesus: Que é que está escrito na lei? De que modo a lês? - 27. Respondeu aquele: Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo. - 28. Jesus lhe observou: Respondeste muito bem; faze isso e viverás.

N. 261. Amai o Senhor vosso Deus acima de tudo: a Ele, origem e vida de tudo o que é, a Ele, o pai bondoso e justo de tudo o que vive, o juiz reto de todas as vossas

ações.

Amai o Senhor vosso Deus acima de tudo, porquanto nesse amor haurireis forças para cumprir todos os vossos deveres, para adquirir todas as virtudes. O amor de Deus é a força da alma, a quem ele deu a esperança da vida eterna. É esse amor que vos aquece os corações, engendra a fé e produz a caridade.

Amai o vosso próximo como a vós mesmos, porquanto, se não possuídes o sentimento grandioso da fraternidade, não praticareis os atos a que ele dá lugar, sereis ramos secos. Do amor a Deus nascem a submissão, a resignação, a esperança. Praticá-lo consiste em obedecer às leis divinas.

Do amor ao próximo, como a si mesmo, nasce a caridade, sem a qual não fareis boas obras.

A caridade está no socorro que deveis prestar aos vossos irmãos pela vossa inteligência, pelo vosso coração, pela vossa mão direita, deixando esta a outra na ignorância do que fez.

Sede brandos e humildes, para serdes caridosos, pois que o orgulho afastará de vós o "pobre", tornando-lhe penoso, qualquer que seja a sua pobreza, o auxílio material, moral ou intelectual, que lhe dispensardes.

Sede brandos e humildes, para serdes caridosos, pois que a brandura e a humildade atraem os mais inacessíveis, animam os mais tímidos, consolam os mais aflitos, purificam os mais gangrenosos. Não sejam, porém, somente dos lábios a vossa brandura e a vossa humildade, porque então já não sereis caridosos.

Quando socorrerdes o pobre a quem falte o pão, não lhe façais ver que dais do vosso supérfluo; não lhe deixeis perceber que cumpris um dever. Ao contrário, dizei-lhe: "Meu irmão, sou feliz por poder vir hoje em teu auxílio. Peço não me esqueças quando, por tua vez, me puderes socorrer."

Quando socorrerdes o pobre, cuja inteligência se ache mergulhada em trevas, não lhe deixeis perceber até onde chega a vossa luz. Não o ofusqueis, nem o humilheis. Dizei-lhe: "Meu irmão, bem pouco sei; mas estou pronto a te ensinar o que sei, se o ignorares. Faze outro tanto comigo, pois bem me podes recompensar do mesmo modo."

Quando socorrerdes o pobre que precisa de conforto para o seu coração, não lhe deixeis sentir que emprestais para que se vos pague no cêntuplo o que adiantastes. Dizei-lhe: "Amo-te, porque és filho de meu pai; amo-te, porque sofres. Tuas lágrimas me fazem chorar, tuas dores me mortificam. Ama-me como te amo. Faze que eu em ti encontre o eco do que em mim vibra, porquanto só no amor acharemos a coragem e a força de caminhar para Aquele que é todo amor. À volta dele e nele está a fonte do amor, que mana em jorros inumeráveis, a nos inundar da sua frescura. Se me amas, sou feliz de te amar."

Nunca deixeis que os vossos inferiores, sejam de que natureza forem, percebam que tendes consciência da vossa superioridade. Nunca lhes deixeis compreender que dais justo valor ao serviço que lhes prestais, ao amor que lhes dedicais, porque esse serviço lhes pesaria e esse amor os chocaria.

Amar a Deus acima de tudo é submeter-se a todas as suas leis, que todas se resumem na do amor; é amar o próximo como a si mesmo.

Amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento, de todas as forças, é amá-lo de todo o pensamento, é amá-lo acima de tudo e amar a todas as coisas por amor dele.

Chamamos a vossa atenção para as palavras que Jesus dirigiu ao doutor da lei e para a resposta deste, resposta que o Mestre sancionou, proclamando-lhe a sabedoria nestes termos: Não estás longe do reino de Deus.

Sim, não está longe do reino de Deus, isto é, está em via dos rápidos progressos que conduzem à perfeição moral aquele que crê que o Senhor Deus de Israel é o único Deus, que um só Deus existe, uno, indivisível, que nenhum outro além dele há. Não está longe do reino de Deus aquele que o ama acima de tudo e ama o próximo como a si mesmo; aquele que compreende que esse duplo amor vale muito mais do que todos os holocaustos, todos os sacrifícios. Esse não está longe do reino de Deus, porque é adorador do pai em espírito e verdade, visto que ama a todos os homens como sendo todos irmãos seus e procede para com todos como irmão deles, abstração feita dos cultos exteriores. É adorador do pai em espírito e verdade, porque pratica aqueles dois mandamentos, reconhecendo que neles estão toda a lei e os profetas, que eles constituem, portanto, integralmente, a lei divina em seu princípio e suas conseqüências, a única e verdadeira religião de Deus, a religião universal que há de levar a Humanidade à unidade e, pois, à realização de seus destinos, pela solidariedade na fraternidade.

Amar a Deus acima de tudo e o próximo como a si mesmo é coisa de muito maior valia do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios. Em qualquer época, no tempo dos Hebreus, como depois e nos vossos dias, as exterioridades do culto, seja este qual for, nada valem perante Deus. As obras tudo são.

Nesses dois mandamentos se contém toda a lei e os profetas. Praticando-os, material, como intelectual e moralmente, o homem é levado ao cumprimento de todos os seus deveres no seio da grande família humana, debaixo de todos os pontos de vista, social, familiar e individual.

Faze isso e viverás. As obras levam prontamente à vida eterna, a essa vida em que o Espírito, caminhando nas vias da perfeição moral, não mais sofre a morte, libertado que está dos laços da matéria, das constrições da carne.

Citando estas palavras do Deuteronomio, cap. VI, v. 4: "Ouve, Israel: o Senhor teu Deus é o único Deus" e dizendo ao doutor da lei: Respondeste sabiamente - e não estás longe do reino de Deus, Jesus sancionava o que o doutor acabara de dizer, isto é, que, "na verdade, não há senão um só Deus, que outro não há além dele".

Desse modo Jesus recusava, se eximia de toda divindade como Cristo, proclamando, para base do Cristianismo, que Deus é uno, indivisível, conforme já o proclamara Moisés para Israel.

Sim, Jesus nunca pretendeu divinizar-se. Notai que por nenhuma de suas palavras ele jamais conferiu a si mesmo o título de Deus, ao passo que elas muitas vezes

se referem a um Deus único, como, por exemplo, quando declarou que seu pai era maior do que ele e quando, dirigindo-se a Deus por estas últimas e solenes palavras proferidas pouco antes da hora do sacrifício, disse: "Tu, meu pai, que és o único Deus verdadeiro!" (João, VIII, v. 3.)

As necessidades da época, temo-lo dito, exigiam que esta questão ficasse como ficou, até ao momento em que as inteligências se achassem bastante desenvolvidas para aceitarem os mistérios da missão de Jesus e bastante humildes para não exigirem que o próprio Deus se houvesse abaixado até aos homens, a fim de lhes resgatar as faltas.

OS QUATRO EVANGELHOS

LUCAS, Cap. X, vv. 29-37

Parábola do Samaritano

V. 29. O doutor da lei, porém, querendo parecer justo, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? - 30. Jesus, tomando a palavra, lhe disse: Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu nas mãos de salteadores, que o despojaram, o espancaram e se foram, deixando-o semimorto. - 31. Aconteceu que pelo mesmo caminho desceu um sacerdote, que o viu e passou de largo. - 32. Do mesmo modo, um levita, que também foi ter àquele lugar, viu o homem e igualmente passou de largo. - 33. Um samaritano, porém, seguindo o seu caminho, veio onde estava o homem e ao vê-lo se encheu de compaixão. - 34. Aproximou-se dele, pensou-lhe as feridas, deitando nelas óleo e vinho, colocou-o sobre a sua alimária e o levou para uma hospedaria, onde cuidou dele. - 35. No dia seguinte, tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: Trata desse homem; na minha volta te pagarei tudo quanto dispenderes a mais. - 36. Qual dos três te parece que tenha sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? - 37. Respondeu o doutor da lei: O que para com ele usou de misericórdia. Pois vai, disse-lhe Jesus, e faz o mesmo.

N. 262. Deus olha igualmente, com paternal carinho, para todos os seus filhos, quaisquer que sejam a pátria onde nasceram, o idioma que falem, o culto que professem.

Homens, todos vós sois irmãos. Praticai, pois, a caridade uns com os outros, a caridade do espírito e do coração, a caridade por atos.

Não repilais a nenhum dos vossos irmãos, por valerem suas ações menos do que as vossas. Não condeneis nunca, nunca, ouvi bem, porque então faríeis como os fariseus, os levitas, os principais Judeus.

Imitai o bom Samaritano. Socorrei a todos os que de socorro precisarem, sem inquirirdes das causas de suas quedas, sem indagardes se podem caminhar direito, quando os houverdes levantado. Começai por socorrê-los. Depois, se vos repelirem, afastai-vos, mas conservando-vos sempre prontos a vir de novo em socorro deles, sem agastamento, sem idéias preconcebidas. Não vos limiteis a providenciar para que o ferido seja tratado: tratai-o vós mesmos, primeiramente como o permitirem os meios de que dispuserdes, na medida das vossas forças, dos vossos sentimentos, da vossa inteligência. E logo que as vossas ocupações o consentirem, voltai a tratá-lo pessoalmente. Se o pobrezinho recair, ainda que por culpa sua, demonstrei-lhe tanta doçura, tanta paciência, tanta boa-vontade, que ele não tema confiar-se aos vossos cuidados. Assim fazendo, dar-lhe-eis firmeza aos passos hesitantes, força ao cérebro enfraque-

cido, calor e vida ao coração paralisado.

Estudai atentamente a parábola do bom Samaritano, porquanto, quaisquer que sejam os ensinamentos tirados desse exemplo que Jesus vos ofereceu e os comentários sobre ele feitos, sempre achareis aí o que aprender, o que meditar. Tratai de apreendê-lo e de o pôr em prática.

Duplo fim teve Jesus com essa parábola, em que figurou o Samaritano, que era, ao ver dos Judeus, o herético, o infiel, o repelido, o réprobo, a praticar a caridade, e em que apresentou, faltos de caridade, o sacerdote, o levita, os ortodoxos, terminando por dizer ao doutor da lei: "Vai e faze o mesmo". Quis, primeiramente, mostrar aos homens que, sejam eles quais forem, são todos irmãos; que o orgulho é causa de queda, por tornar cega a criatura com relação aos seus deveres; que, perante Deus, não há heréticos, nem ortodoxos; que a única via de salvação é a caridade. Quis proscrever e reprovar, para aquele momento e para sempre, o dogmatismo e a intolerância que derivam da diversidade e do antagonismo de crenças e de cultos externos; proclamar que a fé sem obras nada vale, que a fé, aos olhos de Deus, não está em dogmas humanos, frutos exclusivos das orgulhosas interpretações dos homens, mas sim toda na caridade, que implica a prática da justiça, do amor, da misericórdia. Em segundo lugar, objetivou condenar, de antemão, esta máxima da Igreja Romana: Fora da Igreja não há salvação e, condenando-a, consagrar, como única verdadeira, esta: Fora da caridade não há salvação.

Efetivamente, não há salvação fora da caridade que se exerça e pratique por amor a Deus acima de tudo e por amor ao próximo como a si mesmo, seja quem for o próximo: conhecido ou desconhecido, amigo ou inimigo. Não disse ele: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem ou vos caluniam?

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XV - FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

O mandamento maior

4. Mas, os fariseus, tendo sabido que ele tapara a boca aos saduceus, se reuniram; e um deles, que era doutor da lei, foi propor-lhe esta questão, para o tentar: - Mestre, qual o grande mandamento da lei? - Jesus lhe respondeu: Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito. - Esse o maior e o primeiro mandamento. - E aqui está o segundo, que é semelhante ao primeiro: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. - Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos. (S. MATEUS, cap. XXII, vv. 34 a 40.)

5. Caridade e humildade, tal a senda única da salvação. Egoísmo e orgulho, tal a da perdição. Este princípio se acha formulado nos seguintes precisos termos: “Amarás a Deus de toda a tua alma e a teu próximo como a ti mesmo; *toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos.*” E, para que não haja equívoco sobre a interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta: “E aqui está o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro”, isto é, que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus. Logo, tudo o que se faça contra o próximo o mesmo é que fazê-lo contra Deus. Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: *FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.*

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XXII, vv. 34-40. - MARCOS, Capítulo XII, vv. 28-34. -
LUCAS, Cap. X, vv. 25-28

Amor de Deus e do próximo

MATEUS: V. 34. *Mas os fariseus, tendo sabido que ele fizera calar os saduceus, se reuniram em conselho; - 35, e um deles, que era doutor da lei, para o tentar fez esta pergunta: - 36. Mestre, qual é o grande mandamento da lei? - 37. Respondeu Jesus: Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. - 38. Este é o maior e o primeiro mandamento. - 39. E o segundo, semelhante ao primeiro, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. - 40. Toda a lei e os profetas se contêm nestes dois mandamentos.*

MARCOS: V. 28. *Então, um dos doutores da lei, que ouvira a discussão e vira quão bem Jesus respondera aos saduceus, se aproximou e lhe perguntou: Qual é o primeiro de todos os mandamentos? - 29. Respondeu Jesus: O primeiro de todos os mandamentos é este: Ouve, Israel: o Senhor teu Deus é o único Deus. - 30. E amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, de todas as tuas forças. Este o primeiro mandamento. - 31. O segundo, semelhante ao primeiro, é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes. - 32. Disse-lhe então o doutor da lei: Na verdade, Mestre, disseste bem que Deus é um só, que nenhum outro há além dele; - 33, e que o amá-lo de todo o coração, de todo o entendimento, de toda a alma e com todas as forças, e bem assim o amar o próximo como a si mesmo é coisa de maior valia do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios. - 34. Vendo Jesus que o escriba replicara sabiamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E desde então ninguém mais se atreveu a lhe fazer perguntas.*

LUCAS : V. 25. *Então, levantando-se, perguntou-lhe um doutor da lei, para o tentar: Mestre, que hei de fazer para ter a vida eterna? - 26. Respondeu-lhe Jesus: Que é que está escrito na lei? De que modo a lêes? - 27. Respondeu aquele: Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo. - 28. Jesus lhe observou: Respondeste muito bem; faze isso e viverás.*

N. 261. Amai o Senhor vosso Deus acima de tudo: a Ele, origem e vida de tudo o que é, a Ele, o pai bondoso e justo de tudo o que vive, o juiz reto de todas as vossas

ações.

Amai o Senhor vosso Deus acima de tudo, porquanto nesse amor haurireis forças para cumprir todos os vossos deveres, para adquirir todas as virtudes. O amor de Deus é a força da alma, a quem ele deu a esperança da vida eterna. É esse amor que vos aquece os corações, engendra a fé e produz a caridade.

Amai o vosso próximo como a vós mesmos, porquanto, se não possuídes o sentimento grandioso da fraternidade, não praticareis os atos a que ele dá lugar, sereis ramos secos. Do amor a Deus nascem a submissão, a resignação, a esperança. Praticá-lo consiste em obedecer às leis divinas.

Do amor ao próximo, como a si mesmo, nasce a caridade, sem a qual não fareis boas obras.

A caridade está no socorro que deveis prestar aos vossos irmãos pela vossa inteligência, pelo vosso coração, pela vossa mão direita, deixando esta a outra na ignorância do que fez.

Sede brandos e humildes, para serdes caridosos, pois que o orgulho afastará de vós o "pobre", tornando-lhe penoso, qualquer que seja a sua pobreza, o auxílio material, moral ou intelectual, que lhe dispensardes.

Sede brandos e humildes, para serdes caridosos, pois que a brandura e a humildade atraem os mais inacessíveis, animam os mais tímidos, consolam os mais aflitos, purificam os mais gangrenosos. Não sejam, porém, somente dos lábios a vossa brandura e a vossa humildade, porque então já não sereis caridosos.

Quando socorrerdes o pobre a quem falte o pão, não lhe façais ver que dais do vosso supérfluo; não lhe deixeis perceber que cumpris um dever. Ao contrário, dizei-lhe: "Meu irmão, sou feliz por poder vir hoje em teu auxílio. Peço não me esqueças quando, por tua vez, me puderes socorrer."

Quando socorrerdes o pobre, cuja inteligência se ache mergulhada em trevas, não lhe deixeis perceber até onde chega a vossa luz. Não o ofusqueis, nem o humilheis. Dizei-lhe: "Meu irmão, bem pouco sei; mas estou pronto a te ensinar o que sei, se o ignorares. Faze outro tanto comigo, pois bem me podes recompensar do mesmo modo."

Quando socorrerdes o pobre que precisa de conforto para o seu coração, não lhe deixeis sentir que emprestais para que se vos pague no cêntuplo o que adiantastes. Dizei-lhe: "Amo-te, porque és filho de meu pai; amo-te, porque sofres. Tuas lágrimas me fazem chorar, tuas dores me mortificam. Ama-me como te amo. Faze que eu em ti encontre o eco do que em mim vibra, porquanto só no amor acharemos a coragem e a força de caminhar para Aquele que é todo amor. À volta dele e nele está a fonte do amor, que mana em jorros inumeráveis, a nos inundar da sua frescura. Se me amas, sou feliz de te amar."

Nunca deixeis que os vossos inferiores, sejam de que natureza forem, percebam que tendes consciência da vossa superioridade. Nunca lhes deixeis compreender que dais justo valor ao serviço que lhes prestais, ao amor que lhes dedicais, porque esse serviço lhes pesaria e esse amor os chocaria.

Amar a Deus acima de tudo é submeter-se a todas as suas leis, que todas se resumem na do amor; é amar o próximo como a si mesmo.

Amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento, de todas as forças, é amá-lo de todo o pensamento, é amá-lo acima de tudo e amar a todas as coisas por amor dele.

Chamamos a vossa atenção para as palavras que Jesus dirigiu ao doutor da lei e para a resposta deste, resposta que o Mestre sancionou, proclamando-lhe a sabedoria nestes termos: Não estás longe do reino de Deus.

Sim, não está longe do reino de Deus, isto é, está em via dos rápidos progressos que conduzem à perfeição moral aquele que crê que o Senhor Deus de Israel é o único Deus, que um só Deus existe, uno, indivisível, que nenhum outro além dele há. Não está longe do reino de Deus aquele que o ama acima de tudo e ama o próximo como a si mesmo; aquele que compreende que esse duplo amor vale muito mais do que todos os holocaustos, todos os sacrifícios. Esse não está longe do reino de Deus, porque é adorador do pai em espírito e verdade, visto que ama a todos os homens como sendo todos irmãos seus e procede para com todos como irmão deles, abstração feita dos cultos exteriores. É adorador do pai em espírito e verdade, porque pratica aqueles dois mandamentos, reconhecendo que neles estão toda a lei e os profetas, que eles constituem, portanto, integralmente, a lei divina em seu princípio e suas conseqüências, a única e verdadeira religião de Deus, a religião universal que há de levar a Humanidade à unidade e, pois, à realização de seus destinos, pela solidariedade na fraternidade.

Amar a Deus acima de tudo e o próximo como a si mesmo é coisa de muito maior valia do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios. Em qualquer época, no tempo dos Hebreus, como depois e nos vossos dias, as exterioridades do culto, seja este qual for, nada valem perante Deus. As obras tudo são.

Nesses dois mandamentos se contém toda a lei e os profetas. Praticando-os, material, como intelectual e moralmente, o homem é levado ao cumprimento de todos os seus deveres no seio da grande família humana, debaixo de todos os pontos de vista, social, familiar e individual.

Faze isso e viverás. As obras levam prontamente à vida eterna, a essa vida em que o Espírito, caminhando nas vias da perfeição moral, não mais sofre a morte, libertado que está dos laços da matéria, das constrições da carne.

Citando estas palavras do Deuteronomio, cap. VI, v. 4: "Ouve, Israel: o Senhor teu Deus é o único Deus" e dizendo ao doutor da lei: Respondeste sabiamente - e não estás longe do reino de Deus, Jesus sancionava o que o doutor acabara de dizer, isto é, que, "na verdade, não há senão um só Deus, que outro não há além dele".

Desse modo Jesus recusava, se eximia de toda divindade como Cristo, proclamando, para base do Cristianismo, que Deus é uno, indivisível, conforme já o proclamara Moisés para Israel.

Sim, Jesus nunca pretendeu divinizar-se. Notai que por nenhuma de suas palavras ele jamais conferiu a si mesmo o título de Deus, ao passo que elas muitas vezes

se referem a um Deus único, como, por exemplo, quando declarou que seu pai era maior do que ele e quando, dirigindo-se a Deus por estas últimas e solenes palavras proferidas pouco antes da hora do sacrifício, disse: "Tu, meu pai, que és o único Deus verdadeiro!" (João, VIII, v. 3.)

As necessidades da época, temo-lo dito, exigiam que esta questão ficasse como ficou, até ao momento em que as inteligências se achassem bastante desenvolvidas para aceitarem os mistérios da missão de Jesus e bastante humildes para não exigirem que o próprio Deus se houvesse abaixado até aos homens, a fim de lhes resgatar as faltas.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO CAPÍTULO XV - FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

Necessidade da caridade, segundo S. Paulo

6. Ainda quando eu falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade, serei como o bronze que soa e um címbalo que retine; - ainda quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios, e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda quando tivesse a fé possível, até o ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. - E, quando houver distribuído os meus bens para alimentar os pobres e houver-se entregado meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso de nada me serviria.

A caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; - não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se agasta, nem se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se rejubila com a injustiça, mas se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Agora, estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem; mas, dentre elas, a mais excelente é a caridade (S. PAULO, 1ª Epístola aos Coríntios, cap. XIII, vv. 1 a 7 e 13.)

7. De tal modo compreendeu S. Paulo essa grande verdade, que disse: *Quando mesmo eu tivesse a linguagem dos anjos; quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios; quando tivesse toda a fé possível, até ao ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. Dentre estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, a mais excelente é a caridade.* Coloca assim, sem equívoco, a caridade acima até da fé. É que a caridade está ao alcance de toda gente: do ignorante, como do sábio, do rico, como do pobre, e independe de qualquer crença particular.

Faz mais: define a verdadeira caridade, mostra-a não só na beneficência, como também no conjunto de todas as qualidades do coração, na bondade e na benevolência para com o próximo.

Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação

8. Enquanto a máxima - *Fora da caridade não há salvação* - assenta num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à suprema felicidade, o dogma - *Fora da Igreja, não há salvação* - se estriba, não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, porém *numa fé especial, em dogmas particulares*; é exclusivo e absoluto. Longe de unir os filhos de Deus, separa-os; em vez de incitá-los ao amor de seus irmãos, alimenta e sanciona a irritação entre

sectários dos diferentes cultos que reciprocamente se consideram malditos na eternidade, embora sejam parentes e amigos esses sectários. Desprezando a grande lei de igualdade perante o túmulo, ele os afasta uns dos outros, até no campo do repouso. A máxima - *Fora da caridade não há salvação* consagra o princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência. Tendo-a por norma, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira por que adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. Com o dogma - *Fora da Igreja não há salvação*, anatematizam-se e se perseguem reciprocamente, vivem como inimigos; o pai não pede pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, desde que mutuamente se consideram condenados sem remissão. É, pois, um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

9. *Fora da verdade não há salvação* equivaleria ao *Fora da Igreja não há salvação* e seria igualmente exclusivo, porquanto nenhuma seita existe que não pretenda ter o privilégio da verdade. Que homem se pode vangloriar de a possuir integral, quando o âmbito dos conhecimentos incessantemente se alarga e todos os dias se retificam as idéias? A verdade absoluta é patrimônio unicamente de Espíritos da categoria mais elevada e a Humanidade terrena não poderia pretender possuí-la, porque não lhe é dado saber tudo. Ela somente pode aspirar a uma verdade relativa e proporcionada ao seu adiantamento. Se Deus houvera feito da posse da verdade absoluta condição expressa da felicidade futura, teria proferido uma sentença de proscrição geral, ao passo que a caridade, mesmo na sua mais ampla acepção, podem todos praticá-la. O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo a salvação para todos, independente de qualquer crença, contanto que a lei de Deus seja observada, não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação*; e, como não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: *Fora da verdade não há salvação*, pois que esta máxima separaria em lugar de unir e perpetuaria os antagonismos.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Fora da caridade não há salvação

10. Meus filhos, na máxima: *Fora da caridade não há salvação*, estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão. Ela brilha no céu, como auréola santa, na fronte dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, benditos de meu Pai. Reconhecê-los-eis pelo perfume de caridade que espalham em torno de si Nada exprime com mais exatidão o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. Levando-a por guia, nunca o homem se transviará. Dedicai-vos, assim, meus

amigos, a perscrutar-lhe o sentido profundo e as conseqüências, a descobrir-lhe, por vós mesmos, todas as aplicações. Submetei todas as vossas ações ao governo da caridade e a consciência vos responderá. Não só ela evitará que pratiqueis o mal, como também fará que pratiqueis o bem, porquanto uma virtude negativa não basta: é necessária uma virtude ativa. Para fazer-se o bem, mister sempre se torna a ação da vontade; para se não praticar o mal, basta as mais das vezes a inércia e a despreocupação.

Meus amigos, agradecei a Deus o haver permitido que pudésseis gozar a luz do Espiritismo. Não é que somente os que a possuem hajam de ser salvos; é que, ajudando-vos a compreender os ensinamentos do Cristo, ela vos faz melhores cristãos. Esforçai-vos, pois, para que os vossos irmãos, observando-vos, sejam induzidos a reconhecer que verdadeiro espírito e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, dado que todos quantos praticam a caridade são discípulos de Jesus, sem embargo da seita a que pertençam. *Paulo*, o apóstolo. (Paris, 1860.)